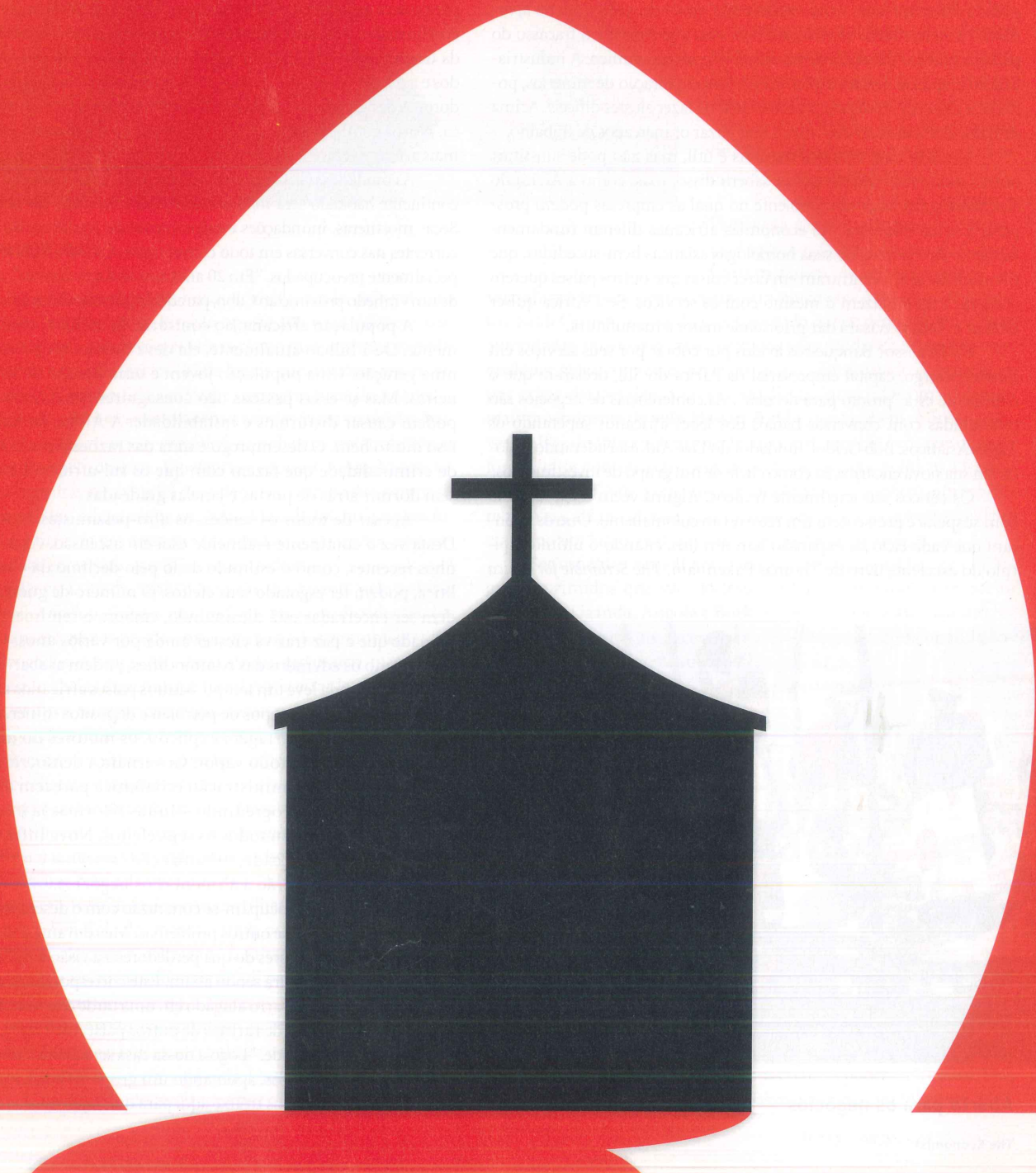


O abuso da fé

TheObserver | Os casos de pedofilia na Igreja Católica são tão chocantes quanto o esforço da Cúria em escondê-los

POR CATHERINE DEVENEY



TREZE DE MARÇO DE 2013. O mundo espera. Os televisores mostram gravações de alguns dias antes, de cardeais de vermelho e branco em procissão diante da guarda do Vaticano, rumo à magnífica Capela Sistina para o Conclave papal. Todas as imagens, dos pisos de mármore polido e os tetos de ouro aos inestimáveis afrescos nas paredes, contam uma história de riqueza, pompa e poder. Do lado de fora, na Praça de São Pedro, as multidões aplaudem um homem cujo nome ainda não conhecem. Há, porém, outra trilha sonora. Na véspera, Pat McEwan, um escocês de 62 anos, me contou ter sido estuprado aos 8 anos por um padre. Sua voz abafa as multidões e os coros. “Eu corri para casa tremendo como um cachorro. Usava calças curtas e as fezes escorriam por minha perna. Minha mãe e minha tia tiveram de me limpar.”

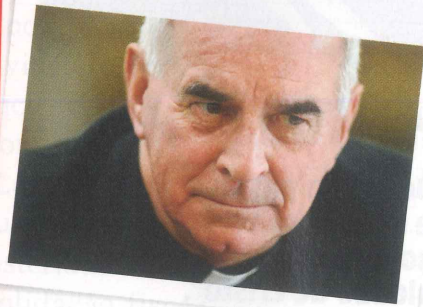
A justaposição dessas duas imagens, a instituição poderosa que representa 1,2 bilhão de católicos e a criança agredida, conta a história de uma igreja com duas faces: uma pública e uma privada. No mês passado, a Igreja foi mergulhada na crise quando o *Observer* revelou que três padres e um ex-padre tinham se queixado ao núncio papal sobre o cardeal Keith O'Brien, arcebispo de St. Andrews e Edimburgo. O cardeal, que em público criticava os homossexuais como degenerados, em particular avançava sobre seus padres havia anos, segundo eles. Mas a história nunca foi sobre um homem. Não era sobre fraqueza pessoal. O'Brien era meramente o sintoma de uma doença maior, uma instintiva que escolhe o encobrimento como sua posição preferida para esconder o escândalo moral, sexual e financeiro.

Isso não era pedofilia, mas abuso de poder. Um homem com autoridade em ação inadequada com jovens seminaristas e padres sob seu controle. Ficou claro que se tratava de uma relação sexual completa. Houve, no entanto, tentativas de envolver seu comportamento em ambiguidade moral. Primeiro foi a negação. O cardeal “contestou” as alega-

Dos anos 50 até hoje, o comportamento da hierarquia religiosa em relação aos crimes mudou muito pouco

O pecado da carne.

O cardeal Keith O'Brien avançava sobre os padres de sua congregação



ações. Um dia depois da publicação, ele demitiu-se. Na semana seguinte, divulgou uma declaração na qual admitia conduta sexual inadequada “como padre, bispo e cardeal”. Muitos ignoraram o que isso confirmou sobre a extensão e a duração de seu comportamento. Ele foi nomeado cardeal em 2003.

Depois veio o ofuscamento. A Igreja afirmava não conhecer o teor das alegações, apesar de comunicada por escrito antes da publicação. Depois, a raiva e a minimização dos erros. O cardeal tinha sido destruído por meras “confusões de bêbado” de 30 anos atrás. Ora, provavelmente ele havia se confessado e fora absolvido. Mas o mais revelador de tudo foi a tentativa de voltar a atenção pa-

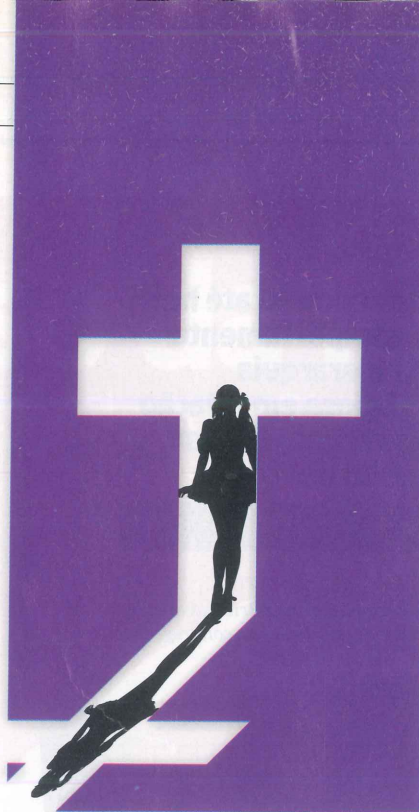
ra o motivo dos queixosos, de culpar os acusadores em vez do acusado. Esse foi um padrão comum nos casos de abuso sexual católicos ao longo dos anos.

As histórias a seguir o levarão do fim dos anos 1950 aos dias de hoje. A sociedade mudou radicalmente nesse tempo, desde a moral preto no branco dos anos 1950, dos cortiços e dos homens esfarrapados, até a geração atual da velocidade, da tela-plana e do iPhone. Durante todas essas décadas, todas essas mudanças, o comportamento da Igreja Católica em relação às vítimas de abuso mudou incrivelmente pouco.

Dois conceitos são críticos para se compreender o comportamento da Igreja. O primeiro é “escandalizar os fiéis”. Tradicionalmente, a hierarquia acreditava que o maior pecado era abalar a fé das congregações católicas. Protegê-las significava esconder o escândalo. Adotar esse ponto de vista moral quer dizer que tudo vale. Podem-se encobrir os desvios sexuais daqueles de quem se exige moralidade sexual. Pode-se esconder a corrupção financeira dos que colocam seu dinheiro na bandeja de coleta. Pode-se calar os agredidos e proteger o agressor. A culpa por sacrificar indivíduos é atenuada por se proteger algo maior e mais importante, a instituição.

O segundo conceito é o “clericalismo”, palavra usada para descrever a sensação de privilégio dos padres, sua exigência de respeito e sua aparente conformidade com as regras e os regulamentos em público, enquanto em particular se comportam como se as regras não se aplicassem a eles pessoalmente. O Vaticano é um Estado independente. A Santa Sé, entidade soberana reconhecida pelo direito internacional e governada pelo papa. A Nunciatura opera como embaixadas oficiais em diferentes países do mundo. Ela é até governada por suas regras, a Lei Canônica. Tudo isso contribui para a ideia de que a Igreja pode conduzir os próprios negócios sem interferência ou escrutínio externo. Ela exige ter uma voz na sociedade sem se responsabilizar plenamente por ela.

“A estrutura do poder clerical não apenas protege os clérigos que são sexualmente ativos, como os prepara para levar vidas duplas”, diz Richard Sipe, um psicoterapeuta e ex-padre norte-americano que



“Deus não gosta de meninos que choram. Seja um soldado de Cristo”, ordena o padre após abusar de um menor

passou muitos anos dedicado à pesquisa do celibato e do abuso sexual. “A corrupção vem de cima para baixo. Os superiores, reitores e bispos têm vidas sexualmente ativas e se protegem uns aos outros numa espécie de chantagem sagrada.”

Ao falar em público pela primeira vez, Pat McEwan diz ter sido vítima de um círculo de padres pedófilos. Seu principal agressor, o padre de sua paróquia, encorajou McEwan a visitá-lo, e depois parecia ter caído em um transe. O garoto o sacudiu. “Eu estive falando com Jesus e ele perguntou se você gostaria de ir para o céu”, disse o padre. Então ele perguntou: “Você ama sua mãe?” Sim, padre. “Você ama seu pai?” Sim, padre. “Você me ama? Porque este é o nosso segredinho e você não deve contar para sua mãe ou seu pai, ou vai queimar no fogo eterno.”

Isso foi nos anos 1950. Os padres das paróquias eram convidados de honra nos lares católicos. O padre arranjou para a devota mãe de McEwan visitar a Gruta de Lourdes em Carfin, deixando o filho com um padre amigo dele. McEwan lembra-se de ter olhado pela janela enquanto sua mãe desaparecia na gruta. Assim que ela o fez, o padre virou-se para ele. “Que-ro que você faça para mim o que fez para o padre de sua paróquia.” Então o violentou. Depois tentou conter as lágrimas do menino, antes que sua mãe voltasse: “Deus não gosta de meninos que choram. Seja um soldado de Cristo”.

O abuso infantil raramente fica contido na infância. Os acontecimentos vazam para todos os aspectos das opções adultas, os relacionamentos, o emprego e a saúde. As vítimas sofrem de alcoolismo, problemas mentais e distúrbio de estresse pós-traumático. Não é raro que os homens vitimados acabem na prisão. Cameron Fyfe é advogado escocês que lidou com mais de mil casos de abuso da Igreja Católica em seu país. “Ninguém saiu disso ileso”, afirma Fyfe. “Todos tiveram sua vida destruída.” McEwan não é exceção. Ele se tornou alcoólatra, mas está sóbrio há 18 meses.

Na década de 1980, Ann Matthews foi violada habitualmente por seu padre, dos 11 aos 17 anos. Ela nunca contou a seus pais. Eram extremamente devotos e o padre com frequência fazia rezas em sua casa. Depois de visitar a avó agonizante

de Ann, ele desceu a escada e tentou fazer sexo com ela no sofá.

Ann diz que sua vida foi destruída. Ela sofre distúrbios alimentares e do sono, ansiedade e depressão. Frequentemente, tem pensamentos suicidas. Ela não tem emprego. Tem um companheiro, mas não quer ter filhos para não impor suas inseguranças a uma criança. “Às vezes, sinto como se eu tivesse morrido há muito tempo, que tenho este corpo que caminha sobre a terra e não sabe que deveria se deitar.”

Em uma reunião com padres da diocese, perguntaram-lhe por que ela permitiu que a continuidade do abuso prosseguisse. Mas Ann era uma criança. Ela tentava se con-

vencer de que o abuso era amor. “Eu disse para eles: ‘Estou sentada aqui como uma mulher adulta, mas quando isso aconteceu eu usava meias até os joelhos e fitinhas no cabelo.’” “Ora, tenha paciência!”, retrucou um dos padres, e acrescentou: “Deem-lhe dinheiro e que ela vá embora”.

Ann nunca recebeu dinheiro, mas aconselhamento, pelo qual foi grata. Nos 12 anos seguintes, a Igreja nunca pediu um relatório. No ano passado eles escreveram inesperadamente. Informaram que o financiamento seria suspenso. Sua última sessão seria em maio de 2013. Sua conselheira escreveu para a Igreja e disse que Ann tinha propensões suicidas durante períodos prolongados e ainda precisava de apoio. “É como se eles tivessem calculado que eu sofri abusos durante sete anos”, diz Ann, “mas tive aconselhamento durante 12, então o tempo acabou. Sou apenas alguém que teve uma vasta indenização com seus recursos.”

Helen Holland foi uma vítima de grave abuso físico e sexual nos anos 1960 e 1970 na Casa de Nazaré em Kilmarnock. Quando criança, foi encapuzada, sujeitada por uma freira e estuprada por um padre. Depois, ela mesma se tornou freira, mas deixou a ordem. Hoje vice-presidente do grupo de sobreviventes escoceses, o Incas, ela falou em nome das vítimas no Parlamento da Escócia.

O legado de seu abuso continua com ela, e Helen pagou por terapia em diversos períodos de sua vida. Nos últimos anos começou, porém, a sentir “terrores noturnos”, e muitas vezes sofre de sonambulismo e chega a sair de sua casa. “É como se eu fosse criança de novo. Meu terapeuta diz que eu tentava alcançar a criança dentro de mim, e eu disse que a menina Helen morreu. Ela não existe mais. Mas não é tão simples. Não posso colocar uma tampa sobre tudo isso.”

A Igreja Católica criou uma hierarquia de moralidade sexual com o celibato no topo. Mas isso pode gerar distorções. Os estudos de Sipe sugerem que cerca de 70% dos padres demonstram imaturidade psicosexual. A maioria do clero é incapaz de lidar com a privação sexual de maneira saudável. Cerca de 6% dos padres têm sexo com menores. ●

*Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves